

Um antropólogo brasileiro nos Estados Unidos: Arthur Ramos e o curso sobre Raças e Culturas no Brasil¹

A brazilian anthropologist in the United States: Arthur Ramos and the course on Races and Cultures in Brazil

Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

RESUMO

Arthur Ramos (1903-1949) foi um dos mais proeminentes antropólogos brasileiros da primeira metade do século XX, sendo um dos responsáveis pelo processo de institucionalização da antropologia no Brasil. Embora amplamente conhecido por sua atuação na Universidade do Brasil, na Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, sua inserção no Departamento de Sociologia na Universidade Estadual de Louisiana nos Estados Unidos ainda é pouco debatido entre os antropólogos brasileiros. O presente artigo tem como objetivo analisar quais foram as condições de possibilidade para que Arthur Ramos pudesse oferecer e lecionar o curso “Raças e Culturas no Brasil”, nos EUA.

Palavras-chave: Arthur Ramos, Ensino de Antropologia, História da Antropologia, História das Ciências Sociais, Antropologia Brasileira.

¹ Uma versão preliminar desse trabalho foi apresentada durante a 43ª encontro anual da ANPOCS. A pesquisa contou com o apoio do CNPq.

Recebido em 06 de abril de 2022.
Avaliador A: 25 de julho de 2022.
Avaliador B: 28 de julho de 2022.
Aceito em 04 de agosto de 2022.



ABSTRACT

Arthur Ramos (1903-1949) was one of the most prominent Brazilian anthropologists of the first half of the twentieth century, being one of those responsible for the process of institutionalization of anthropology in Brazil. Although widely known for his work at the Universidade do Brasil (University of Brazil) and the Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (Brazilian Society of Anthropology and Ethnology), his insertion in the Department of Sociology at the Louisiana State University in the United States is still little debated among the Brazilian anthropologists. This article aims to analyze what were the conditions of possibility for Arthur Ramos to offer and teach the course “Races and Cultures in Brazil”, in the USA.

Keywords: Arthur Ramos, Teaching Anthropology, History of Anthropology, History of Social Sciences, Brazilian Anthropology.

INTRODUÇÃO

Arthur Ramos (1903-1949) foi um dos mais relevantes antropólogos brasileiros do século XX, figura central no processo de institucionalização da antropologia no Brasil, seja através da criação da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (SBAE) em 1941², seja por meio de sua atuação como docente na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi). Suas pesquisas sobre as populações negras no Brasil tornaram-se uma das mais importantes referências no debate em seu tempo, sendo portanto, um dos autores clássicos no campo dos estudos afro-brasileiros.

Sua formação em antropologia se deu de modo autodidata, uma vez que sua graduação foi em medicina. Todavia, esta não era uma trajetória incomum àquele tempo. Há toda uma geração de médicos antropólogos que foram fundamentais no processo de desenvolvimento desta ciência no Brasil (CORRÊIA, 2013). Também como é de amplo conhecimento, seus primeiros trabalhos tinham uma forte influência da psicanálise e das ideias de Lévy-Bruhl (1857-1939), extraído deste último, sobretudo o conceito de “mentalidade primitiva” (GUTMAN, 2007). Em sua tese apresentada na Faculdade de Medicina da Bahia Ramos (1926) destaca as relações entre a sociologia e a psicologia, deixando mais evidente como que a psicanálise influenciou seu trabalho:

² Apesar da relevância da fundação da SBAE na trajetória de Ramos, foge ao foco e ao escopo deste artigo tratar de tal questão. Para uma melhor análise da SBAE vide o trabalho de Azeredo (1986).

Acho que a psicologia poderia englobar na expressão de “primitivo” o conceito de mentalidade atrasada tanto na escala filogenética (raças selvagens que já desapareceram e só conhecidas por documentos históricos, ou as que existem ainda hoje em vários pontos do globo) como na escala ontogenética. E é justamente a psicologia moderna, com o advento da psicanálise, que frisa os pontos de contato entre o selvagem e a criança. (RAMOS, 1926, p. 4).

Neste sentido também é importante rememorar do diálogo relevante que houve no Brasil entre a antropologia e a psicanálise no período do entre guerras (DUARTE, 1999; 2000), no qual Ramos é peça chave, ainda que tenha havido uma progressiva ampliação de seu escopo teórico ao longo de sua carreira, como poderemos perceber no decorrer do texto. Sua breve atuação como chefe de Departamento de Ciências Sociais da UNESCO em 1949 atesta a centralidade desta categoria, considerando os projetos que chegou a esboçar para a instituição (OLIVEIRA, 2019b).

No campo acadêmico afirmava-se como continuador da “Escola Nina Rodrigues”, tendo se ocupado intensamente da revisita da obra deste autor, assim como de sua ampla difusão, por meio principalmente da republicação de seus trabalhos. Esta afirmação parece ter um duplo caráter, pois, também implicava em sua própria autoafirmação como antropólogo e como herdeiro principal de uma determinada “linhagem”, o que constitui parte de um processo mais amplo de construção de reconhecimento acadêmico vivenciado por Ramos, ainda que autores como Corrêa (2013) apontem que haveria mais rupturas que continuidades nesse processo, sendo questionável a influência de Nina Rodrigues sobre o trabalho de Ramos.

Em que pese toda sua contribuição para a formação do campo da antropologia brasileira, é fato que dentro do complexo jogo da geopolítica acadêmica brasileira, no qual algumas instituições e personagens são classificados como “provincianos” ou “pré-científicos” (REESINK; CAMPOS, 2014), Ramos pouco a pouco foi sendo retratado na história da antropologia como um “não antropólogo” (BARROS, 2008), ou, no máximo, como um precursor da antropologia, ainda que seu impacto nas ciências sociais de seu tempo seja inegável.

Este presente trabalho visa, portanto, tomar como base certa história, no sentido historiográfico em que opera por múltiplas temporalidades existenciais, ou culturais, e não como uma linha única de eventos causais, das ciências sociais e da antropologia no Brasil, e algumas de suas conexões internacionais a partir da produção intelectual de Arthur Ramos, tomando como fio condutor sua atuação docente. Compreendo com isso que a prática cotidiana do ensino de uma ciência é o que constitui de mais recorrente em seu processo de institucionalização, sistematização e rotinização. Parte-se da hipótese de que a prática docente, sendo aquela mais cotidiana na vida científica de Ramos, pode nos revelar aspectos importantes de sua obra que

não estão explicitados do mesmo modo em seus trabalhos publicados, ainda que o curso de “Raças e Culturas no Brasil” possa ter sido, ao que tudo indica, um importante espaço de sistematização de ideias para obras relevantes posteriormente publicadas, como *Introdução à Antropologia Brasileira*.

O objetivo do artigo distancia-se, portanto, de um exame de sua obra em seu conjunto, aproximando-se da ideia de que o conhecimento antropológico é rotinizado a partir de seu ensino. Pretende esse trabalho descrever e examinar o que fora selecionado por Ramos para suas aulas, para assim captarmos os elementos que ele considerava relevantes na antropologia, principalmente quando se pensa a produção de conhecimento na antropologia brasileira voltada para uma audiência estrangeira.

O recorte que estabeleço aqui se dá a partir da atuação de Arthur Ramos nos Estados Unidos, quando atuou por um curto período entre 1940 e 1941 como professor visitante na Universidade Estadual de Louisiana, onde lecionou um curso de “Raças e Culturas no Brasil” junto ao departamento de sociologia. O principal material de análise é a ementa e organização de seu curso, de modo que possamos compreender como que Ramos estruturou o conhecimento antropológico para aquele público. Busco compreender não somente organização do que fora lecionado por Ramos em seus cursos, o que por si só revela aspectos significativos de sua concepção de ciências sociais, como também as redes de relações mobilizadas para que ele alcançasse este posto. Organizarei o texto nos seguintes eixos: a) apresentação da atuação de Ramos como docente no Brasil; b) mapeamento de seu processo de indicação como professor visitante nos Estados Unidos; c) análise do curso lecionado; d) considerações finais.

O material empírico analisado refere-se a cartas trocadas entre Ramos e outros pesquisadores envolvidos na sua ida para os Estados Unidos, assim como às cartas nas quais ele tece comentários sobre essa atividade desde sua preparação, planos de cursos referente às atividades desenvolvidas em Louisiana, e aulas transcritas lecionadas na Universidade Estadual de Louisiana que integram o Arquivo Arthur Ramos, depositado na Biblioteca Nacional. O arquivo de Arthur Ramos foi vendido à Biblioteca Nacional em 1956, parte pela viúva, Luiza Ramos, parte pela Universidade do Brasil. Contém correspondência do titular e de terceiros, recortes de jornais, folhetos, fotografias, originais manuscritos, pesquisas e estudos sobre educação, medicina legal, psiquiatria, psicologia, sociologia, antropologia, folclore e etnografia. Trata-se de um arquivo bastante heterogêneo, no qual os registros da atividade docente de Ramos tanto no Brasil quanto no exterior ganham destaque, estando guardados contratos de trabalho, correspondências relativas às atividades docentes, planos de curso etc., e apesar de outros pesquisadores já terem se voltado para este arquivo, esta é a primeira vez que se examina

com mais cuidado a atuação como professor deste antropólogo nos Estados Unidos³.

Partilho com Cunha (2004) a certeza de que a analisar a produção de ordenamento e sentido da vida profissional de um agente por meio de arquivos “(...) é sempre eventual e vulnerável aos usos que nós, usuários de arquivos, fazemos de tais documentos. Portanto, sua interpretação é sempre contingente.”, de modo que o esforço aqui realizado desvela uma parte do real, mas não sua totalidade. Ramos tinha muita clareza da posteridade de seu trabalho, e montou um arquivo no qual guardou os mais preciosos detalhes, incluindo *tickets* de cinema, cartões-postais etc, considero assim, que ele de certo modo nos guia através dos elementos que pretendeu evidenciar ou ocultar de sua biografia, ainda que possamos realizar um exame crítico que o situa em termos temporais e sociais.

ARTHUR RAMOS, PROFESSOR DE ANTROPOLOGIA

Como bem nos elucida Bourdieu (1996), a biografia de um agente longe de compor uma sequência ordenada de fatos, transparece seus deslocamentos pelos diferentes campos, assim como as próprias tentativas de ordenamento desta biografia que sujeito projeta. Neste sentido, interessa neste trabalho compreender a trajetória de Ramos nestes diferentes campos, o que possibilitou que ele acumulasse determinado capital acadêmico e científico, despontando como um agente que ocupou uma posição dominante no campo da Antropologia brasileira.

Como já indicado, Arthur Ramos iniciou sua trajetória acadêmica em um amplo diálogo com a psicanálise, o que fica bastante evidente em sua dissertação de conclusão do curso de medicina intitulada *Primitivo e Loucura* (1926). Não à toa, o início de sua trajetória docente se deu não no campo da antropologia, mas sim da Psicologia Social, quando assumiu essa cátedra em 1935, na então Universidade do Distrito Federal (UDF)⁴. O convite para lecionar nesta instituição partiu de Anísio Teixeira (1900-1971), principal agente na concepção e implementação do projeto da UDF (Fávero, 2008), que fora responsável pela vinda de outros intelectuais de prestígio deste período para a instituição, tais como Gilberto Freyre (1900-1987)

3 Apesar de haver uma considerável literatura que examina a biografia e a obra de Arthur Ramos, este trabalho não visa examinar o “pensamento de Arthur Ramos”, e sim situar o antropólogo em meio a uma rede de relações que tornou possível sua circulação no campo acadêmico internacional. Destacando aqui uma análise descritiva do curso ministrado nos Estados Unidos na década de 1940, tornando acessível ao leitor um aspecto pouco conhecido deste clássico da antropologia brasileira

4 O início de seu contrato data de 1º de julho de 1935.

e Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982).

Quando chegou ao Rio de Janeiro Arthur Ramos já gozava de certo prestígio intelectual, tendo se mudado para aquela cidade ainda em 1933, onde assumiu o cargo de “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental” a pedido de Anísio Teixeira, que ocupava nesse momento o cargo de Secretário de Educação na prefeitura do Distrito Federal. Em 1934 ele assinou um contrato com a editora Civilização Brasileira, comprometendo-se em dirigir a Coleção Biblioteca de Divulgação Científica, o que lhe possibilitava uma ampliação de seu escopo de atuação acadêmica e editorial, já consolidada na Bahia⁵. Também neste mesmo ano e com esta mesma editora, publicou o livro *O Negro Brasileiro*, o que já apontara para o delineamento de sua agenda de pesquisa. Como indicou Duarte (1983), a obra *O Negro Brasileiro* tinha como subtítulo “etnografia religiosa e psicanálise”, todavia, quando Ramos publicou em 1937 *As Culturas Negras do Novo Mundo* o subtítulo que aparece é “Antropologia Cultural e Psicologia Social”, demarcando uma reorientação teórica do autor, assim como uma maior aproximação com a obra de Melville Herskovits (1895-1963). Esse tipo de movimento não era incomum no campo da Antropologia, especialmente neste momento de institucionalização, algo semelhante havia sido realizado por Freyre quando publicou *Açúcar* (2007 [1939]), cuja primeira edição publicada em 1939 tinha como subtítulo “algumas receitas de bolos e doces dos engenhos do nordeste”, passando para “em torno da etnografia, da história, e da sociologia do doce no Nordeste canavieiro do Brasil” (1969) e depois para “uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil” (1986), demarcando um percurso que vai de uma dimensão mais descritiva (“etnográfica”) para outra mais disciplinar e científica (OLIVEIRA, 2015).

Ainda na década de 1930 Ramos publicou inúmeros títulos vinculados claramente ao campo da psicanálise, buscando com isso difundir essa teoria (MENEZES, 2014), porém, pode-se perceber uma clara guinada nesse processo a partir da publicação em 1936 de *Introdução à Psicologia Social*, livro este que Ramos remeteu a inúmeros intelectuais de seu tempo, o que aponta para a relevância que esta publicação representava para sua carreira naquele momento. Também ainda em 1937 Ramos publicou *As Culturas Negras no Novo Mundo*, no qual não havia referências à psicanálise.

O momento no qual Ramos ingressou como professor de Psicologia Social na UDF, já era um período no qual ele estava realizando uma aproximação incisiva com o campo das

5 Ramos atuava como redator nas seguintes revistas médicas na década de 1930: Bahia Médica, Arquivos do Instituto Nina Rodrigues, Cultura Médica e Revista Médica da Bahia.

ciências sociais, deslocando-se da psicanálise para a psicologia social, compreendida naquele momento como uma ciência social no sentido amplo⁶. É importante lembrar que Ramos assumiu inicialmente este cargo como professor interino, o que significa que sua entrada e permanência no cargo dependeram, sobretudo, de indicações realizadas. Lippi de Oliveira (1995) aponta que o nome de Arthur Ramos foi indicado para a cadeira de antropologia por Heloisa Alberto Torres (1895-1977)⁷, que atuava na seção de Antropologia no Museu Nacional, e exercia neste momento o cargo de diretora. Na mesma lista constam outros nomes para a área de Antropologia também indicados pela antropóloga do Museu Nacional, e em muitos casos nomes que eram amplamente reforçados por inúmeras indicações não chegaram a se concretizar por meio de contratação.

Essa relação de proximidade com Heloísa Alberto Torres é importante de ser frisada, uma vez que demonstra que seu deslocamento no campo da Antropologia ocorria movido não apenas pelo seu capital científico, como também pelo seu capital social⁸, na medida em que ele acionava recorrentemente sua rede. Observamos ainda que nas cartas trocadas com diferentes agentes Ramos sempre adotava um tom extremamente cordial, recorrentemente apresentando seus interlocutores com trabalhos seus recém-publicados.

A transição de Ramos para a área de “Antropologia e Etnografia” se deu no ano de 1939, momento no qual o projeto da UDF estava se esvaindo, e a universidade passou a ser incorporada na Universidade do Brasil (UB), sendo um dos principais argumentos para sua já vasta produção etnográfica. Neste contexto, Ramos deixou de integrar a Escola de Economia e Direito da UDF para fazer parte dos quadros da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da UB.

6 Destaca-se que a concepção de ciências sociais naquele momento era mais ampliada que aquela que se cristalizará na tradição universitária brasileira nas décadas seguintes, não se restringindo à antropologia, ciência política e sociologia. Um exemplo significativo desta concepção ampliada encontra-se na seção de estudos pós-graduados da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), criada em 1941 ela abarcava além de cursos nas áreas de sociologia e de antropologia, também outros na área de psicologia social e economia.

7 Heloisa Alberto Torres também participou de outros momentos relevantes da carreira de Ramos, tendo integrado a banca de seu concurso de professor titular em 1945. Também pleiteou ocupar a vaga oriunda da morte Ramos em 1949, porém sua inscrição não foi aceita, e em seu lugar foi aprovada Marina São Paulo de Vasconcelos (1912-1973), que era professora assistente de Ramos, e era egressa do curso de aperfeiçoamento em Antropologia e Etnografia da FNFfi (MIGLIEVICH, 2015; OLIVEIRA, 2019b).

8 Assume-se neste trabalho a seguinte definição de capital social: (...) o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não apenas são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Foge do escopo deste artigo analisar a atuação de Ramos na FNFi, porém é interessante apontar que em que pese sua recorrente autoafirmação como continuador da “Escola Nina Rodrigues”, havia mais rupturas que continuidades de sua obra em relação ao mestre (CORRÊA, 2013), com uma intensa aproximação com o culturalismo estado-unidense, como bem atesta sua intensa colaboração intelectual com Herskovits, com o qual trocou inúmeras correspondências a partir de 1935, além de desenvolver outras formas de parcerias intelectuais (GUIMARÃES, 2007). Todavia, como bem percebe Peirano (1991), apesar da reorientação que seu trabalho sobre em direção ao tema da aculturação, a ideia de estágios de desenvolvimento continuou presente em seus escritos, de tal modo que o processo de aculturação implicação, em sua compreensão na absorção de uma cultura por outra, pela “mais avançada”.

Foi ainda na FNFi que Ramos solicitou a Raul Leitão da Cunha (1881-1947), então reitor da UB, a criação do curso de aperfeiçoamento em Antropologia e Etnografia, apresentada como uma demanda que teria se originado na procura dos próprios alunos, na necessidade de desenvolvimento da vida científica nacional e de realização de pesquisas originais, o que garantiria a autonomia didática da cadeira de Antropologia e Etnografia. Seguindo o artigo nº 48 do decreto lei nº 1.190 de 4 de abril de 1939 “Será conferido o diploma de doutor ao bacharel que defender tese original de notável valor; depois de dois anos pelo menos de estudos, sob a orientação do professor catedrático da disciplina sobre que versar o trabalho”. O curso após sua criação teve ao menos duas turmas, uma com ingresso em 1939 e outra com ingresso em 1940, que representaram a primeira geração de antropólogos profissionais formados pela UB.

Paralelo a este projeto, Ramos fundou em 1941 a SBAE, que fora a primeira sociedade científica no campo das ciências sociais no Brasil, ainda que não tenha sido um projeto que se consolidado no tempo (AZEREDO, 1986), representou um esforço inicial na direção da formação de um campo científico autônomo da antropologia no Brasil. Esse conjunto de atividades, desenvolvidas ainda no Brasil, demonstra a relevância e centralidade da atuação de Ramos no processo de institucionalização da antropologia brasileira. Todavia, compreendo que a análise acerca da relevância de Ramos para a história das ciências sociais no Brasil, e da antropologia em particular, só se faz completa ao considerarmos também o processo de internacionalização de sua atuação e produção, o que será examinado com mais detalhes nas seções seguintes.

A IDA DE RAMOS AOS ESTADOS UNIDOS

Para que possamos compreender a forma como foi concebida e elaborada a ida de Arthur Ramos aos Estados Unidos devemos ter em mente duas questões: a) o campo acadêmico é constituído também por elementos extra-acadêmicos (BOURDIEU, 2011), de modo que as relações de pessoalidade, amizade e de inimizade são fundamentais nesse processo; b) Ramos, assim como outros pesquisadores brasileiros de seu tempo, estavam inseridos numa rede transnacional de colaboração, integrada principalmente por brasileiros e estado-unidenses, que fora responsável para formulação do campo dos estudos afro-brasileiros nas décadas de 1930 e 1940 (SANSONE, 2012). Ademais, devemos considerar as próprias diferenças existentes entre a vida acadêmica no Brasil e nos Estados Unidos, sendo esta última dotada de uma tradição mais institucionalizada (LIMA, 1997), ainda mais naquele momento no qual as ciências sociais brasileiras ainda tentavam se institucionalizar (MICELI, 1989).

Neste sentido é importante considerar o papel que as universidades localizadas no sul dos Estados Unidos tiveram no debate da questão racial. Para além dos chamados *black colleges*, cuja relevância histórica é apontada por uma consolidada literatura nos Estados Unidos (ANDERSON, 1988; ANDERSON; MOSS, 1999; BULLOCK, 1967; GASMAN, 2006; LUNDY-WAGNER, GASMAN, 2011), esses centros agregavam um conjunto relevante de pesquisadores dedicados à questão racial. Apenas para citarmos um exemplo emblemático, a Universidade de Fisk, localizada em Nashville, Tennessee, agregou inúmeros pesquisadores especializados no campo das relações raciais que realizam posteriormente trabalho de campo no Brasil, tais como Rüdiger Bilden (1893-1980), Donald Pierson (1900-1995) e Ruth Landes (1908-1991).

Desse modo, a ida de Arthur Ramos a uma universidade localizada no Sul dos Estados Unidos não pode ser percebido como mero acaso, inserindo-se sim na estruturação de uma agenda mais ampla em torno da questão racial que se colocava no campo acadêmico estado-unidense naquele momento⁹.

⁹ Para muitos destes pesquisadores a experiência na Universidade de Fisk era considerada como um “laboratório preparatório” para a realização de pesquisas sobre relações raciais no Brasil. Também é importante apontar que a partir desta instituição muitos destes pesquisadores realizaram importantes contatos para a realização de suas investigações, como no caso emblemático de Landes que entrou em contato com Bilden nesta universidade, e que posteriormente a apresentou por cartas a Ramos, que por sua vez a apresentou também por carta a Edison Carneiro (1912-1972), que veio a ser um de seus principais parceiros intelectuais no Brasil e um dos seus mais relevantes informantes na pesquisa com os terreiros de candomblé em Salvador.

Em meio a esta questão destaca-se o fato de que havia pontos nodais de encontros e de trocas entre os pesquisadores, que envolviam centros de referência nos Estados Unidos, tais como a Universidade de Colúmbia e a Universidade de Fisk, e os centros de pesquisa no Brasil, principalmente a FNF i e o Museu Nacional, além da Bahia, que se caracterizava a este tempo como um importante *locus* de pesquisa etnográficas¹⁰ (OLIVEIRA, 2017). Dentre os pesquisadores que estavam envolvidos nesta rede destaca-se o nome de Donald Pierson (1900-1995), que fora professor da ELSP e tinha realizado trabalho de campo na Bahia, sua tese de doutorado intitulada *Negroes in Brazil, a Study of Race Contact at Bahia* (1939) fora publicada em português em 1945 com título de *Branços e pretos na Bahia: estudo de contacto racial*¹¹. Arthur Ramos conheceu Pierson já no Brasil, tendo este último frequentado alguns cursos ainda na UDF – dentre eles o curso de sociologia ministrado por Freyre – e foi Pierson que apresentou por cartas Ramos a Thomas Lynn Smith (1903-1976), que era professor do departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Louisiana e tinha um intenso contato com Robert Ezra Park (1864-1944), que havia sido supervisor da tese de doutorado de Pierson.

Smith era bastante reconhecido por suas pesquisas no campo da sociologia rural, e tinha um especial interesse pela América Latina. Sua primeira viagem para o Brasil data de 1939, tendo sido financiada pela Fundação Julius Rosenwald, na qual conheceu Pierson e Ramos. É em carta datada de 15 de maio de 1939 que Pierson recomenda a Ramos o “Dr. Smith”. Segundo Lopes e Maio (2017, p. 3):

Ao longo dos anos de 1940 e 1950, valendo-se da Política de Boa Vizinhança e, posteriormente, do Ponto IV – programa de assistência técnica ao denominado terceiro mundo lançado pelo Governo Truman –, Smith tornou a empreender viagens ao Brasil, ora em missões oficiais do Estado norte-americano ora como professor visitante, conferencista e representante de agências internacionais, buscando tecer uma rede de trocas acadêmicas com cientistas sociais em atuação no país. (LOPES; MAIO, 2017, p. 3).

O seu interesse pelo Brasil era claro, e que se desdobrou em um intenso contato com outros cientistas sociais brasileiros, não apenas Ramos, além de uma produção acadêmica extensa, o que inclui a obra *Brazil: people and institutions* (SMITH, 1946a), e a coletânea *Brazil, portrait of half a continente* (SMITH, 1951). É ainda no ano de 1939, em carta datada de 13 de outubro,

¹⁰ Reconhece-se aqui a relevância também das pesquisas que passam a desenvolvidas na ELSP e na Universidade de São Paulo (USP), além da emergência na década de 1940 do curso de ciências sociais na Bahia. Sem embargo, busco destacar neste ponto uma determinada rede de colaboração estabelecida entre pesquisadores estado-unidenses e brasileiros que tece esse eixo como central.

¹¹ O prefácio em língua portuguesa deste trabalho em sua primeira edição foi de autoria de Ramos.

que ele realiza o primeiro convite para que Ramos possa ministrar um curso de quatro meses na Universidade Estadual de Louisiana, entre fevereiro e maio de 1940. Porém, a primeira proposta é recusada em carta datada em 27 de novembro de 1939, devido à prorrogação das aulas na FNFi, e sugere que sua ida inicie-se em outubro de 1940 estendendo-se até o começo de 1941. No mesmo dia que Ramos redigiu essa carta a Smith, escreveu também uma carta a Herskovits na qual relata sua impossibilidade de viajar naquele momento, aparentemente esta ida aos Estados Unidos também era percebida por Ramos como uma oportunidade para estreitar os laços acadêmicos e pessoais com Herskovits, considerado um dos principais pesquisadores daquele período sobre o “Negro no Novo Mundo”.

Ao que tudo indica, as conexões entre Ramos e Lynn Smith perpassavam os vínculos pessoais, por partilharem de um conjunto de contatos em comum, e também as afinidades teóricas. O conceito de aculturação, por exemplo, que era tão caro a Ramos no contexto de suas pesquisas, especialmente para a compreensão da realidade das populações negras no Brasil (RAMOS, 1942), também parece ter sido relevância para as pesquisas de Lynn Smith em Louisiana (SMITH, PARENTON, 1938). No arquivo Arthur Ramos são encontradas 79 correspondências trocadas entre os dois, realizadas ao longo de uma década, entre 1939 e 1949, ano da morte de Arthur Ramos¹², o que demonstra uma intensa parceria intelectual entre os dois, marcada por alguns projetos não realizados. Também em outras correspondências Ramos faz referência a Lynn Smith, além de apresentá-lo a outras pessoas, como a Lois Marieta Williams (1868-1862), em carta escrita em 1940, e a Mario de Andrade (1893-1945) e Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966), em carta escrita em 1942.

Lynn Smith, é importante lembrar, também estava inserido numa ampla rede acadêmica e política, o que possibilitou sua circulação por diversos espaços. Não à toa, por meio de sua ligação com Pierson, ministrou em 1942 um curso sobre sociologia rural na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (COSTA PINTO, 1994 [1944]). Lippi de Oliveira (1998) chega a apontar Lynn Smith como pertencente à geração de pesquisadores estrangeiros responsável por consolidar a sociologia como disciplina científica no Brasil, o que faz contrastar sua relevância com a parca literatura disponível sobre suas relações com os pesquisadores brasileiros e a institucionalização das ciências sociais no Brasil. Ademais, Lynn Smith realizou pesquisas para as agências científicas governamentais dos Estados Unidos no contexto da guerra, e desde 1942 integrava o programa de pesquisas em sociologia rural

12 Há ainda no arquivo Arthur Ramos uma carta enviada a Luisa Ramos, datada de 14 de janeiro de 1950, na qual ele dá seus pêsames pela morte de Ramos.

promovido pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. (LESSER, 1946). Em todo caso, fugiria do foco e escopo desse artigo analisar em profundidade o papel de Lynn Smith nesse processo, de tal modo que nos interessa nesse momento visibilizar que foi principalmente através dele que a ida de Arthur Ramos aos Estados Unidos se concretizou.

O curso a ser ministrado versaria sobre raças e culturas no Brasil, e parecia se inserir bem nos interesses políticos e ideológicos do período na relação entre Brasil e Estados Unidos, bem como das pretensões acadêmicas de Ramos. As cartas geralmente eram trocadas acompanhadas da remessa de livros, seja de livros publicados no Brasil que eram enviados para Smith, ou livros publicados nos Estados Unidos que eram enviados para Ramos.

É importante salientar, como bem nos indica Guimarães (2007), que diferentemente de outros intelectuais brasileiros que foram para o exterior naquele período buscando “agregar mais prestígio” a suas carreiras, para com isso obterem mais chances nos concursos para as cátedras, Ramos chegou nos Estados Unidos como um especialista, como um africanista brasileiro. Àquele tempo, já havia publicado em inglês *The Negro in Brazil*, tradução abreviada do Negro Brasileiro, feita por Richard Pattee (1906-) em 1939, além de ter deixado ao menos quatro artigos originais para publicação em inglês.

No início de 1940 as cartas entre Smith e Ramos são retomadas visando acertar a ida do antropólogo brasileiro aos Estados Unidos. Em 23 de janeiro Smith escreveu para Ramos indicando a aprovação do financiamento para sua vinda para Louisiana, enviando também uma cópia de seu livro *The Sociology of Rural Life* –que havia sido publicado naquele ano nos Estados Unidos com uma boa recepção, como atesta a resenha publicada em *The American Journal of Sociology* (ZIMMERMAN, 1940) – livro que fora posteriormente traduzido para o português e publicado pela Editora da Casa do Estudante do Brasil, o que contou com a devida intermediação de Ramos, que originalmente seria o tradutor da obra, trabalho que ao que tudo indica Ramos de fato iniciou. Em todo caso o livro teve também uma boa recepção no Brasil, tendo recebido uma elogiosa resenha de Willeans (1946).

Em carta datada de 8 de abril de 1940 Ramos concordou com os termos de sua ida, que ocorreria então em outubro de 1940, sendo de setembro de 1940 a carta na qual ele aceitou formalmente o cargo para o qual é indicado. Interessante perceber que o *status* que Ramos receberia seria de *Special Lecture in Sociology*, ainda que ele não lecionasse essa cadeira no Brasil é junto a este departamento que ele desenvolveu suas atividades nos Estados Unidos, o que refletia principalmente dois pontos: a) a tênue barreira disciplinar entre a sociologia e a antropologia naquele momento; b) o tipo de rede que Ramos foi capaz de acionar neste contexto.

O departamento de sociologia na Universidade Estadual de Louisiana fora constituído

ainda em 1928, originalmente como Departamento de Economia e Sociologia, passando a ofertar títulos de mestrado a partir de 1931 e de doutorado a partir de 1937. Apesar de ser um departamento e uma universidade relativamente pequenos, Ramos encontrava-se diante de uma estrutura acadêmica bem mais solidificada que aquela existente no Brasil, ademais, como já indicado, sua ida para os Estados Unidos também era percebida como uma oportunidade de ampliar seus contatos e possibilidades de inserção internacional.

O que quero apontar com este breve mapeamento da ida de Ramos aos Estados Unidos é o significado que esta inserção teve não apenas para Ramos, mas para as ciências sociais como um todo, afinal, este acontecimento é um ponto de inflexão nas relações estabelecidas entre Brasil e Estados Unidos no processo de formação dos estudos afro-brasileiros, pois, inverte o sinal recorrente no qual aos Estados Unidos caberia o envio de pesquisadores e ao Brasil, o envio de material etnográfico. A ida de Ramos como *scholar* para os Estados Unidos, ainda que inserido numa universidade relativamente periférica, significou um passo decisivo para o processo de consolidação das ciências sociais brasileiras, indicando também um relevante processo de circulação de pesquisadores no campo da antropologia (RIAL, 2014).

Em todo o caso Ramos não se limitou a ficar em Louisiana, em cartas a amigos indica a realização e preparação de conferências e seminários em Universidades como Berkeley, Yale e Northwestern. Ademais, estabeleceu contato com outros pesquisadores dedicados à questão das relações raciais nos Estados Unidos, ainda que se possa assegurar que Herskovits e Lynn Smith, foram de fato seus mais intensos contatos naquele país.

O CURSO DE RAÇAS E CULTURAS NO BRASIL

O interesse sobre as relações raciais no Brasil não era algo novo nos Estados Unidos, muito pelo contrário, e se situava no cerne das tensões que se estabeleciam na formação dos estudos afro-brasileiros. Conforme nos indica Sansone (2002):

Nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial o Brasil era representado como um autêntico *alter ego* do sistema racial norte-americano, sua imagem ao revés. Do Brasil servia sua função de espelho e de laboratório racial – onde podiam acontecer coisas impensáveis nos EUA da segregação. É um espelho necessário e inspirador para o trabalho coletivo que culminará no grande esforço em torno da redação e da publicação do monumental *American Dilemma*, de Gunnar Myrdal, em 1944. (SANSONE, 2002, p. 10).

Sendo assim, é compreensível que o curso que Ramos foi lecionar em Louisiana versasse, justamente, sobre raças e culturas no Brasil. Ademais, o sul dos Estados Unidos fora pensado por inúmeros autores como uma região cuja formação étnica e social se aproximava do Brasil, especialmente do Nordeste, esta tese encontrava fortes ecos na obra de Gilberto Freyre ao menos desde *Casa-Grande & Senzala* (2005 [1933]). Quero dizer com isso que, se as relações raciais no Brasil já chamavam a atenção dos Estados Unidos no geral, no caso do estado de Louisiana, com uma forte presença negra em sua composição étnica, esta questão tornava-se ainda mais relevante.

Apesar de seus cursos na FNFfi não levarem esse título, ele lecionava estritamente as cadeiras de Antropologia e Etnografia, a questão das relações raciais era um tópico recorrente em suas aulas, partindo sempre da “Escola Nina Rodrigues”, pois, como é amplamente reconhecido, um de seus esforços intelectuais principais era a tentativa de recriar uma “linhagem brasileira” dos estudos raciais (CAMPOS, 2007). Percebe-se com isso que, apesar de vinculado ao departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Louisiana seu curso demarcava uma forte continuidade com relação a suas aulas de antropologia, aparentemente eram mais relevantes os dados etnográficos que Ramos poderia trazer para o debate, sua contribuição incisiva aos estudos das relações raciais, que eram discutidos desde uma perspectiva culturalista.

Partamos, então, para a análise do material de seu curso sobre raças e culturas no Brasil. É importante indicar que o material depositado na Biblioteca Nacional sobre este curso é bastante extenso, de modo que neste momento estou analisando principalmente o programa de curso e sua apresentação na aula inaugural, além de outros materiais complementares, principalmente correspondências, nas quais ele comentava sobre suas atividades nos Estados Unidos. Aparentemente Ramos escrevia suas conferências primeiro em português, para depois passá-las para o inglês, havendo tanto versões escritas a mão quanto datilografadas destes materiais, o que também implicava em alguns casos em reescrita, acréscimos e cortes de uma versão para outra. Para este artigo eu analiso primordialmente as últimas versões já em língua inglesa, que aparentemente são as versões mais próximas do que foi realmente lecionado por ele em Louisiana. O começo de seu curso inicia-se da seguinte forma:

Eu agradeço ao Dr. Lynn Smith novamente pela oportunidade de lecionar aqui, sobre estes problemas de contatos raciais e culturas. No curso geral eu devo considerar raças e culturas no Brasil descritivamente, particularizando os respectivos retratos das raças e culturas indígenas, como também as raças e culturas europeias e negras. Nós devemos estudar os problemas de contato entre estas raças e culturas, examinando os resultados nos aspectos físicos e culturais. É certamente interessante, ponderar devidamente como os contatos de culturas e estoques tem ocorrido no Novo Mundo, e especialmente no Brasil. (RAMOS, 1941, n. p.).

O anúncio dos objetivos de curso deixa claro a forma como ele se insere na agenda de pesquisa mais ampla de Ramos, lembremos que o estudo sobre as raças e culturas indígena, europeia e africana no Brasil foi objeto de sua monumental obra *Introdução à Antropologia Brasileira*, cujo primeiro volume é publicado em 1943 e o segundo em 1947. Pode-se inferir com isso que sua atuação nos Estados Unidos teve um papel significativo no processo de sistematização de um debate que se desdobrou nos anos seguintes em algumas de suas publicações mais relevantes, o que nos possibilita reafirmar aqui a importância de analisar a prática docentes destes grandes autores, compreendendo a cátedra como um espaço de rotinização do conhecimento científico.

Após a apresentação do objetivo geral de seu curso, Ramos indica quais serão os tópicos a serem desenvolvidos, destacando 30 pontos pelos quais o curso passaria, quais sejam: 1) contatos de raças. Miscigenação e casamento inter-racial; 2) estoques puros e mistos; 3) hibridismo humano; 4) resultados da Inter reprodução; 5) observações clássicas; 6) os bastardos Rehoboth; 7) os híbridos do Kisar; 8) descendentes de Pitcairn; 9) os “mestiços” e mulatos do Novo Mundo; 10) estudos de observadores norte-americanos; 11) a experiência brasileira; 12) os cruzamentos indígenas e europeus; 13) os cruzamentos europeus e negros; 14) estudos comparativos de miscigenação e casamentos inter-raciais em vários países americanos; 15) contatos de raças no Brasil; 16) discussão doutrinária; 17) dados estatísticos sobre a população brasileira; 18) pesquisas antropométricas; 19) tipos resultantes dos cruzamentos; 20) a área dos caboclos; 21) a área dos negros; 22) a área dos brancos; 23) tipos brasileiros em seus aspectos físicos e culturais; 24) contatos culturais; 25) o problema da aculturação; 26) processo de aculturação e resultados; 27) exame desse processo no Brasil; 28) a aculturação do indígena, do negro e do europeu; 29) sobrevivências culturais dos indígenas; 30) sobrevivências culturais dos negros.

O debate acerca dos casamentos inter-raciais, assim como do cruzamento entre raças, tinha possivelmente um forte peso acadêmico e político naquele contexto, considerando que as leis anti-miscigenação do estado de Louisiana apenas foram revogadas em 1967, seguindo a decisão da suprema corte americana.

É interessante perceber que apesar de aparentar ser um programa longo, o que é apresentado na aula inaugural do curso ainda é pouco detalhado, especialmente no que concerne ao centro do curso, que é a questão brasileira. Há um segundo plano de curso no qual Ramos detalha o que ele denomina de “População brasileira. Os indígenas, os europeus e os negros”, e neste ele examina de forma pormenorizada os diversos grupos étnicos destas “três raças”,

havendo maiores detalhes no que diz respeito às populações indígenas e negras.

Apesar de mais conhecido pelas suas pesquisas com as populações negras, é junto aos grupos indígenas que Ramos indica um maior número de tópicos a serem desenvolvidos em seu curso, analisando “As fontes de estudo dos indígenas brasileiros”, “Introdução arqueológica ao estudo dos indígenas brasileiros”, “Os indígenas brasileiros hoje”, para então adentrar no estudo de alguns grupos étnicos específicos, quais sejam: os tupi-guarani, os gê-botocudo, os aruak, os caraíbas e “outros grupos”, todos estes tópicos possuem outros subtópicos que desdobram a análise realizada. Apesar de distar de sua principal agenda de pesquisa no Brasil é importante considerar que esta não era uma temática que se distanciava das pesquisas de Ramos, pois, continuamente a questão indígena era tema de seus cursos no Brasil, mais que isso, ao realizar o concurso para professor catedrático em Antropologia e Etnografia em 1945 o tema de sua tese foi “A organização dual entre os índios brasileiros: introdução ao seu estudo”, o que demonstra que este debate também era relevante para sua agenda de pesquisa.

No que tange ao detalhamento realizado acerca dos demais grupos étnicos o programa de curso de Ramos indica que na parte dedicada ao “Contingente europeu no Brasil. Raças e cultura” ele examinou “A colonização e imigração portuguesa”, “A colonização holandesa”, “O contingente espanhol”, “O contingente alemão”, “O contingente italiano”, “As raças orientais. Os japoneses no Brasil” e “Outras raças e culturas”. Percebe-se com isso que certamente esse era o tópico mais frágil de seu programa, possivelmente aquele pelo qual ele passaria mais rapidamente, sem maiores detalhamentos se comparando com os demais.

Por fim, o programa esmiúça o que seria tratado em relação a “O negro no Brasil”, abarcando os seguintes tópicos: “Resumo da história da escravidão no Brasil”, “Antropologia do negro brasileiro. Tipos e mistura racial dos negros”, “A cultura negra introduzida no Brasil”, “Os negros Yorubá”, “Os negros angolano-congoleses”, “Outros grupos”, “As sobrevivências religiosas dos negros no Brasil”, “Sobrevivências artísticas”, “Tradições orais. O folclore negro no Brasil”, “Sobrevivências das línguas africanas no Brasil”, “Estudos científicos do negro brasileiro. A escola Nina Rodrigues”.

Apesar do programa sobre os indígenas ser aparentemente mais extenso, percebe-se que é no estudo do negro que Ramos realiza aprofundamentos maiores, finalizando o curso com uma incursão sobre a chamada “Escola Nina Rodrigues”, que como já afirmado anteriormente, remete à elaboração de uma linhagem intelectual por parte de Ramos, na qual ele mesmo se autoafirma como principal continuador. Isso não implica dizer que Ramos não teceu críticas ao pensamento de “seu mestre”, pelo contrário, em seu curso ele indica que Nina Rodrigues defendeu três falsas postulações, quais sejam: a) inferioridade das raças; b) degeneração do

híbrido brasileiro; c) diminuir o papel de negros, indígenas e híbridos brasileiros. Para Ramos, os limites das teorias de Nina Rodrigues encontram-se no debate intelectual de seu próprio tempo, na medida em que ele confluiria com ideias amplamente difundidas naquele período, como as de Arthur de Gobineau (1816-1888) e Georges Vacher de Lapouge (1854-1936).

Esta organização e sistematização de seu plano de curso reflete questões significativas do trabalho desenvolvido por Ramos, tanto antes quanto depois de sua estadia nos Estados Unidos, pois, de fato este pesquisador demonstrou grande interesse aspectos mais técnicos dos estudos afro-brasileiros. Como bem nos indica Motta (2016), com isso ele chegou a influenciar muitos outros pesquisadores que o sucederam, incluindo aí Roger Bastide (1898-1974), cuja influência recebida de outros autores brasileiros seria secundarizada recorrentemente, ainda segundo Motta (Idem).

Ainda em suas aulas – seguindo a documentação relativa ao curso deixada por Ramos – ele chamava a atenção para a relevância do estudo do caso brasileiro:

O Brasil como todo o Novo Mundo são esplêndidos campo de estudos experimentais sobre o contato de raças e culturas, por esta razão, muitas raças das mais diferentes origens se encontraram. Com os autóctones previamente existentes tivemos a inoculação de novos contingentes de origem caucasiana e africana. Nesse grande “laboratório de civilizações” como o Brasil tem sido chamado, raças e culturas longe de serem definitivas, estão se misturando e cooperando. (RAMOS, 1941, n. p.).

Neste ponto do curso chamo a atenção para dois aspectos: o primeiro diz respeito ao uso da expressão “laboratório de civilizações”, que remete diretamente ao trabalho do brasilianista alemão Rüdiger Bilden (1893-1980), que fora apresentado a Ramos por meio de Gilberto Freyre, e que publicou um artigo em 1929 com esse título (BILDEN, 1929), refletindo assim os contatos intelectuais e pessoais que Ramos mantinha àquela época¹³; segundo, que a visão de grupos que se misturam e cooperam em grande medida relacionava-se a uma dada percepção das relações raciais brasileiras, que certamente atendia aos anseios de certo debate intelectual estadunidense para fins da resolução do “dilema racial”. Quero dizer com isso que Ramos aparentemente sabia bem para quem estava direcionando suas aulas, seu debate, e quais questões e ideias deveria visibilizar no decorrer de seu curso.

O início do curso, como já indicado, inicia-se com um especial foco às questões referentes aos tipos híbridos, aos casamentos inter-raciais e à miscigenação, recorrendo a uma

13 Também é significativa a influência do trabalho de Bilden na obra de Freyre, ainda que, como bem demonstra Pallares-Burke (2012), a referência de Freyre aos trabalhos do companheiro de estudos de Colúmbia tenha decrescido no decorrer dos anos.

vasta literatura que oscila entre a antropologia física e a antropologia cultural. Neste processo a referência ao trabalho de Herskovits é direta e fundamental para o processo de afirmação de suas teses, que se centram na argumentação que, contrariando algumas teorias amplamente difundidas entre o século XIX e primeiras décadas do século XX, a miscigenação não levaria à degeneração das raças, mas produziria sim tipos intermediários.

Não podemos olvidar que ao retornar ao Brasil Ramos publicou uma série de artigos, que vinculam a antropologia à luta antirracista, ou seja, a forma como ele abordava em seu curso a questão racial parecia se ligar diretamente às preocupações políticas e ideológicas que concerniriam às ciências sociais. Este movimento antecede e sucede sua estadia nos Estados Unidos, ainda em 1935 Ramos assinou o *Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o preconceito racial* e, em 1942, assinou junto à SBAE, assinou o *Manifesto da Sociedade brasileira de antropologia e etnologia* e, além de ter publicado *Guerra e Relações de raça e As Ciências Sociais* (1943) e *Os problemas de após-guerra* (1944), o que apontava para certa compreensão de caminho a ser adotado no campo das relações raciais presente no pensamento de Ramos, para a qual o Brasil teria um papel fundamental pela prévia experiência social aqui vivenciada. Ao destacar o caso brasileiro Ramos indica em seu curso:

O Brasil é um esplêndido campo para investigações sobre o hibridismo. Infelizmente o campo de pesquisa ainda é pequeno e sem conclusões definitivas. Mas nós temos a nosso dispor vários séculos de uma vasta experiência do contato de raças, este contato vem sendo moldado de acordo com uma tradição portuguesa muito antiga. Nós nunca tivemos no Brasil nada similar ao Code Noir (código negro) e proibição do contato de raças pela miscigenação e pelo casamento, muito frequente em vários locais no Novo Mundo.

Ele destaca ainda quão comuns foram os casamentos inter-raciais desde o processo de formação social do Novo Mundo com a chegada dos europeus, havendo como caso *sui generis* os Estados Unidos, que teria sido o único país que neste continente teria imposto e mantido leis contra este tipo de união. O Brasil, no curso apresentado, serviria como um espelho invertido das relações raciais nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que potencialmente poderia servir de modelo para um caminho a ser adotado. Em que pese as diferenças entre Ramos e Freyre, é notório que há certa proximidade no tom entre o curso que Ramos lecionou e a série de conferências que Freyre realizou em 1944 na Universidade de Indiana nos Estados Unidos, posteriormente publicadas no livro *Interpretação do Brasil* (2015 [1945]), em ambos os casos o Brasil parece apontar como uma possibilidade de “solução” para o dilema racial no cenário pós-guerra.

Apesar de privilegiar o diálogo com a literatura internacional em seu curso, Ramos

também diálogo com os trabalhos de Nina Rodrigues, Freyre e Roquette Pinto. Este último traria importantes contribuições para a compreensão dos tipos físicos do que Ramos denomina de “híbrido brasileiro”, destacando quais seriam as características dos negros, mulatos, caboclos e pardos.

Como já apontado, o curso de Ramos não se situaria exclusivamente no campo da antropologia física, ou da antropologia cultural, de modo que após discutir longamente sobre as características físicas dos diversos “híbridos brasileiros”, o autor pondera em aula:

No Brasil as várias gradações de hibridismos produziram um certo número de “tipos” distribuídos em várias áreas ecológicas do imenso território. Além da caracterização dos tipos nós devemos encontrar não apenas o físico mais ou menos inalterado, mas também as características culturais, vestidos e costumes, os quais nós devemos escrutinar quando nós vamos aos aspectos da aculturação brasileira. (RAMOS, 1941, n. p.).

Com isso percebe-se também a centralidade do conceito de aculturação para o desenvolvimento das reflexões de Ramos, assentado aí não exclusivamente no trabalho de Herskovists, como também nas obras de Robert Redfield (1897-1958) e Ralph Linton (1893-1853). Mas é do sociólogo da escola de Chicago, Robert Park (1864-1944) de quem Ramos retira maior sistematização do conceito de aculturação, compreendendo-o como tendo três principais resultados na cultura: a) aceitação; b) adaptação; c) reação. Para melhor exemplificar o processo de aculturação na cultura brasileira Ramos traz para seu curso o conceito de “ilusão de catequese” de Nina Rodrigues, explanando cuidadosamente sobre o sincretismo afro-brasileiro no processo de nomeação católica dos Orixás, bem como as influências da cultura indígena sobre os hábitos de alimentação do brasileiro, especialmente na região nordeste.

Ao que parece, ao menos em termos de literatura, Ramos privilegiou em seu curso uma articulação entre autores brasileiros, que examinavam a realidade social e racial do Brasil, fornecendo, sobretudo, “material etnográfico” que possibilitasse melhor demonstração de suas teses, e autores estadunidense, que fornecessem ferramentas teórico-analíticas para pensar a singularidade deste caso particular. Ou seja, ao mesmo tempo em que buscava apontar para a singularidade das relações raciais no Brasil, e de como neste país haveria um processo de hibridação em termos culturais e físicos mais intensos que em outras partes do chamado Novo Mundo, ele também almejava dialogar com os cânones do debate, especialmente a partir de uma perspectiva culturalista, que foi aquela na qual ele consolidou sua produção no campo das ciências sociais.

Ramos, ao que parece, manteve contato não apenas com pesquisadores como também com ex-alunos de seu curso, o que pode nos indicar que de fato ele conseguiu não apenas

estreitar laços acadêmicos e pessoais já existentes como também criar novos. Todavia, dentro do material disponibilizado no Arquivo Arthur Ramos não é possível mensurar a repercussão que seu curso teve no contexto local, ainda que se possa inferir que teve algum êxito, dado que a partir desse curso ele recebe novos convites posteriormente para regressar aos Estados Unidos, o que acaba não se concretizando.

A análise do curso ministrado por Ramos, visibilizando a rede de relações que tornou possível seu deslocamento para os Estados Unidos na condição de *scholar*, tem como objetivo principal perceber como a circulação acadêmica possui um papel relevante nos processos de produção do conhecimento. Longe de ser uma mera nota de rodapé na biografia de Ramos, acredito que esta estadia nos Estados Unidos foi decisiva para o processo de consolidação de sua carreira como antropólogo, e de sistematização de algumas de suas ideias posteriormente divulgadas. Duarte (2015) chega mesmo a perceber que Ramos aponta para uma incorporação rápida do debate que entrou em contato durante sua estadia nos Estados Unidos, o que incluiria a antropologia urbana americana, os estudos rurais e urbanos desenvolvidos sob a influência da Sociologia de Chicago, além os estudos regionais. Com isso quero demonstrar também a relevância da realização de um olhar mais acurado acerca das práticas docentes dos pensadores sociais, compreendendo o espaço da cátedra como um *locus* privilegiado de sistematização das ideias e teorias destes autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar a experiência de Arthur Ramos como docente nos Estados Unidos, examinando o material que ele organizou para suas aulas, tentando captar a partir daí elementos que nos possibilitassem compreender melhor seu pensamento e atuação no campo das ciências sociais.

E em que pese o fato de Ramos ser eventualmente secundarizado nas análises sobre a história das ciências sociais no Brasil, ou mesmo sobre a institucionalização das pesquisas sobre relações raciais no contexto nacional, é importante não olvidar o peso significativo que seu trabalho teve não apenas no Brasil, mas também no exterior, como atesta sua capacidade de ter conseguido produzir uma agenda importante sobre relações raciais no Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, no qual teve uma breve passagem (MAIO, 1999; MAIO; SANTOS, 2015; OLIVEIRA, 2019b).

Esta sua experiência entre os anos de 1940 e 1941 foi a mais longa que ele teve como docente em outro país, ainda que tenha havido outros convites para atuar nos Estados Unidos, inclusive na mesma Universidade. Ainda em 1946 ele recebeu o convite de Frederick Charles Frey (1891-1980), então chefe do departamento de sociologia da Universidade Estadual de Louisiana e especialista em estudo das relações raciais¹⁴, convidando-o para ministrar um novo curso no semestre de 1946-47, porém ele recusa o convite. O novo convite realizado pode nos indicar que o curso teve repercussões na universidade, com um *feed back* positivo, demonstrando ainda o interesse de se conhecer melhor o debate sobre relações raciais no Brasil.

O contato com Lynn Smith parece ter perdurado para além de seu período em Louisiana, pois, como já indicado, Ramos intermediou a publicação para o português de *Sociologia da Vida Rural*, além de indicar em uma de suas cartas que começou a traduzir *Brazil: people and institutions* para o português, projeto que aparentemente não foi completado, assim como a viagem que fariam juntos à África portuguesa em 1946. Como é sabido, Smith foi trabalhar na Universidade de Vanderbilt, no Tennessee, em 1947, tendo fundado o primeiro centro norte-americano de estudos interdisciplinares dedicado ao Brasil, o *Institute for Brazilian Studies*, tendo levado alguns intelectuais brasileiros para ministrarem cursos de verão naquela instituição, tais como Antônio Carneiro Leão (1887-1966), Emílio Willems (1905-1997) e José Arthur Rios (1921-2017). Apesar de ter realizado um convite em 1947 para Ramos ministrar um curso de verão – agora de antropologia – na Universidade de Vanderbilt, ele não pôde aceitar o convite devido a compromissos já assumidos. Porém, chega a colaborar com Smith em outras parcerias, em 1948 ele aceita o convite de colaborar em um livro sobre o Brasil, resultando na publicação de seu trabalho na coletânea *Brazil, portrait of half a continent* (1951), que fora organizada por Smith e Alexander Marchant (1912-1981).

Ramos retornou dos Estados Unidos fortemente inclinado para esta tendência mais geral que encontramos na antropologia americana na década de 1940, de pensar uma antropologia aplicada no cenário de guerra e pós-guerra (STOCKING Jr., 2002), e ao que parece o projeto de construção de uma sociedade científica nesta área era parte fundamental dessa inclinação. Se o seu curso em Louisiana poderia servir para a apresentação de um modelo possível para o “dilema racial” estadunidense, às ciências sociais caberia um papel ainda mais amplo no processo de reconstrução de um novo projeto societário no contexto do pós-guerra, partindo de uma antropologia aplicada e antirracista. Ao receber o convite para atuar como diretor do

14 Frey foi o primeiro professor a lecionar um curso sobre relações raciais numa universidade do Sul dos Estados Unidos, de modo que sua aproximação incisiva com o tema, mais que Lynn Smith, possa explicar seu interesse em trazer novamente Ramos para Louisiana.

departamento de ciências sociais da UNESCO em 1949 Ramos parece ter a oportunidade ideal para levar a cabo seu projeto (OLIVEIRA, 2019a), mas como bem sabemos, sua morte prematura interrompe essa brilhando trajetória, mas não impossibilita que seus projetos e sua influência sejam sentidos nas gerações seguintes.

REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Eric; MOSS, Alfred. **Dangerous Donations: Northern Philanthropy and Southern Black Education, 1902–1930**. Columbia: University of Missouri Press, 1999.
2. ANDERSON, James. **The Education of Blacks in the South, 1860–1935**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1988.
3. AZEREDO, Paulo Roberto. **Antropólogos e Pioneiros – a história da sociedade brasileira de antropologia e etnologia**. São Paulo: Edusp, 1986.
4. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais de seu Tempo**. Maceió: EDUFAL, 2008.
5. BILDEN, Rüdiger. Brazil, laboratory of civilization. **The Nation**, v. 128, n. 3315, p. 71-74, 1929.
6. BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
7. BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.
8. BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papyrus, 1996.
9. BULLOCK, Henry Allen. **A History of Negro Education in the South from 1619 to the Present**. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
10. CASTRO, Luiz Faria. A antropologia no Brasil: depoimento sem compromissos de um militante em recesso. **Anuário antropológico**, v. 7, n. 1, p. 228-250, 1983.
11. CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.
12. COSTA PINTO, Luiz. Ciências Sociais e Universidade Rural, **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n 3, p. 67-71, 1994 [1944].
13. CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia dos arquivos. **Mana**, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.
14. DUARTE, Luiz Fernando. Arthur Ramos, antropologia e psicanálise no Brasil. *In:*

- BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL (org.). Seminário Diários de Campo: Arthur Ramos, os antropólogos e as antropologias. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, n. 119, p. 11-28, 1999.
15. DUARTE, Luiz Fernando. Anthropologie, psychanalyse et “civilization” du Brésil dans l’entre-deux-guerres. **Revue de Synthèse**, Paris, v. 4, n. 3-4, p. 325-344, 2000.
 16. DUARTE, Luiz Fernando. Introdução. In: RAMOS, Arthur. Os Grandes Problemas da Antropologia Brasileira, **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 195-212, 2015.
 17. FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Anísio Teixeira e a Universidade do Distrito Federal. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 8, n. 17, p. 161-180, 2008.
 18. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.
 19. FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas. São Paulo, 2015.
 20. GASMAN, Marybeth. Swept Under the Rug? A Historiography of Gender and Black Colleges. **American Education Research Journal**, Washington, v. 44, n. 47, p. 60-805, 2006.
 21. GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Africanism and racial democracy: the correspondence between Herskovits and Arthur Ramos (1935-1949). **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**, Tel Aviv, v. 19, n. 1, p. 1-22, 2007.
 22. GUTMAN, Guilherme. Raça e psicanálise no Brasil. O ponto de origem: Arthur Ramos. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 711-728, 2007.
 23. LESSER, Alexander. **Survey of research on Latin America by United States scientists and institutions**. Washington: National Research Council: Committee on Latin American Anthropology, 1946.
 24. LIMA, Roberto Kant de. **A antropologia da academia**: quando os índios somos nós. Niterói: EdUFF, 1997.
 25. LIPPI DE OLIVEIRA, Lúcia. As Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 2, São Paulo: Sumaré, 1995. p. 233-307.
 26. LIPPI DE OLIVEIRA, Lúcia. Ciências Sociais: ontem e hoje. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 26, n. 2, p. 295-302, 1998.
 27. LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marco Chor. Comunidade e Democracia na Sociologia de T. Lynn Smith e José Arthur Rios. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 95, p. 1-21, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329516/2017>. Acesso em: 26 abr. 2023.

28. MENEZES, Maria Odete de Siqueira. Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João Del Rei, v. 3, n. 4, p. 88-116, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000100006. Acesso em: 26 abr. 2023.
29. MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1, São Paulo: Sumaré, 1989. p. 72-110.
30. MIGLIEVICH, Adélia Maria. **Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
31. MAIO, Marco Chor. O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.
32. MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. Antiracism and the uses of science in the post-World War II: An analysis of UNESCO's first statements on race (1950 and 1951). **Vibrant**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 1-26, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412015v12n2p001>. Acesso em: 26 abr. 2023.
33. MOTTA, Roberto. De Nina a Juana: Representações da África e do Candomblé. In: LIMA, Ivaldo Marciano de França *et al* (org.). **África(s), Índios e Negros**. Recife: Bagaço, 2016. p. 255-288.
34. LUNDY-WAGNER, Valerie; GASMAN, Marybeth. When Gender Issues Are Not Just About Women: Reconsidering Male Students at Historically Black Colleges and Universities. **Teachers College Record**, New York, v. 113, n. 5, p. 934-968, 2011. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ931361>. Acesso em: 26 abr. 2023.
35. OLIVEIRA, Amurabi. O glutão de Apipucos: uma interpretação do Brasil a partir do doce em Gilberto Freyre. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 79, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/362>. Acesso em: 26 abr. 2023.
36. OLIVEIRA, Amurabi. Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros. **Latitude**, Maceió, v. 11, n. 2, p. 589-617, p. 79-104, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/4031>. Acesso em: 26 abr. 2023.
37. OLIVEIRA, Amurabi. Arthur Ramos e a rotinização da Antropologia através de seu ensino. **Civitas**, Porto Alegre, v. 19, p. 659-674, 2019a. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.3.28480>. Acesso em: 26 abr. 2023.
38. OLIVEIRA, Amurabi. Arthur Ramos (1903-1949), chefe do departamento de ciências sociais da Unesco. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 47, p. 371-189, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2019.0i47.a42068>. Acesso em: 26 abr. 2023.

39. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **O triunfo do fracasso: Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
40. PEIRANO, Mariza. The anthropology of anthropology: The Brazilian case. **Série Antropologia**, Brasília, n. 110, p. 1-173, 1991.
41. PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**. Estudo de contacto racial. Rio de Janeiro: Campanha Editora Nacional, 1945.
42. RAMOS, Arthur. **A Aculturação Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.
43. RAMOS, Arthur. **As Ciências Sociais e os problemas de após-guerra**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.
44. RAMOS, Arthur. **As culturas negras no Novo Mundo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
45. RAMOS, Arthur. **Cursos, seminários sobre os problemas de contactos de raças e culturas no Brasil, ministrados na Louisiana State University (EUA)**. Louisiana, 1941.
46. RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira**. v. 1. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943a.
47. RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira**. v. 2. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1947.
48. RAMOS, Arthur. **Introdução à Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1936.
49. RAMOS, Arthur. **Guerra e relações de raça**. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, 1943b.
50. RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
51. RAMOS, Arthur. **Primitivo e loucura**. 1926. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1926.
52. REESINK, Mísia; CAMPOS, Roberta. A Geopolítica da Antropologia no Brasil: ou como a província vem se submetendo ao Leito de Procusto. *In*: SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta Bivar; PEREIRA, Fabiana (org.). **Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: Geopolíticas Disciplinares**. Recife: EDUFEPE: Associação Brasileira de Antropologia, 2014. p. 55-81.
53. RIAL, Carmen. A antropologia no Brasil. **Boletín Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales**, Cidade do México, v. 1, n. 1, p. 67-73, 2014.

54. SANSONE, Lívio. Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos Estudos Afro-brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 9-29, 2012.
55. SANSONE, Lívio. Um Campo Saturado de Tensões: O Estudo das Relações Raciais e das Culturas Negras no Brasil. *Estud. Afro-asiát.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2002.
56. SMITH, Thomas Lynn. **Brazil: people and institutions**. Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1946a.
57. SMITH, Thomas Lynn. **Sociologia da Vida Rural**. Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil, 1946b.
58. SMITH, Thomas Lynn; MARCHANT, Alexander. **Brazil: portrait of half a continent**. Nova York: Dryden Press, 1951.
59. SMITH, Thomas Lynn; PARENTON, Vernon. Acculturation among the Louisiana French. **American Journal of Sociology**, Washington, v. 44, n. 3, p. 35-64, 1938.
60. STOCKING JR., George. Introduction. **American Anthropology, 1921-1945: Papers from the American Anthropologist**. Nebraska: University of Nebraska Press, 2002.
61. WILLEAMS, Emílio. A sociologia da vida rural. **Sociologia**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 317-318, 1946.
62. ZIMMERMAN, Carle. The Sociology of Rural Life. T. Lynn Smith. **The American Journal of Sociology**, Washington, v. 46, n. 2, p. 256-257, 1940.

Amurabi Oliveira

Livre-Docente pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7856-1196>. E-mail: amurabi.oliveira@ufsc.br